

La *maladeta* TV brasiliana

Suzana Kilpp

(C:Cube – Cultura:Comunicazione:Consumo.1, Milano, 2003)

Vinte anos nos separam do elitismo equivocado de que Lúcia Santaella (1982) nos acusava e eu ainda tenho uma forte impressão de que intelectuais brasileiros tendem a dizer que gostam ou que não gostam de televisão, ensejando mais uma posição politicamente correta do que uma questão simplesmente de gosto.

Convenhamos que é difícil esquecer, entre tantas outras coisas, a importante cumplicidade ocorrida entre os governos militares pós-64 e, principalmente mas não só, a TV Globo. Num certo período, ao menos, foi prevalente (embora com contradições e tensionamentos) um alinhamento ideológico entre televisão e ditadura no Brasil, que deu origem a uma literatura que não só criticou duramente esse alinhamento como também foi quase sempre cética em relação a um futuro diferente para a tevê. Produzida sobretudo nas décadas de setenta e oitenta e, em geral apoiada na perspectiva da Escola de Frankfurt, a literatura engajada foi uma importante oposição ao pensamento ufanista vigente e que os militares e a direita patrocinavam em meio a outra parte da intelectualidade brasileira.

Uma certa ideologização do debate acadêmico sobre a televisão, no entanto, perdura até hoje, mas não pela situação política atual, nem por questão de gostos pessoais ou frankfurtianos, ou, ao contrário, porque seria politicamente correto combater o elitismo de esquerda. Isso ocorre, em grande parte, ao menos, por uma resistência do objeto em dar-se a ver objetivamente; e também pela dificuldade que, pesquisadores, temos de dar mirada e voz à TV, a esse objeto em especial, que assume, assim, as formas e a expressão dos ricos e podres poderes, do grandiloquente, do mito que nos assusta, intimida e domina, do inominável que, no entanto, e talvez por isso, nos dá nomes e nos devora.

Tem me preocupado essa dificuldade que temos de adentrar o vídeo e chegar às gramáticas televisivas. Sabemos muitas coisas sobre o negócio e sobre o uso político da TV (a *maladeta!*); falamos bastante bem ou mal dela; mas dizemos pouco sobre como ela funciona e sobre como ela produz os benefícios ou os malefícios que lhe atribuímos. As pessoas que fazem televisão (não todas, também é verdade!) parece que intuem muito mais sobre sua técnica e linguagem do que a pesquisa tem explicado.

Encaro o fato como um problema de conhecimento, uma insuficiência teórica que estaria a demandar que experimentássemos cercar o objeto de mais e mais variadas metodologias de análise que dessem mais a ver essas gramáticas televisivas. Considerando o lugar privilegiado que a televisão ocupa na vida dos brasileiros como a mídia de maior abrangência e assistência, é importante desconstruir e desnaturalizar as práticas da tevê, e chegar aos modos como são engendrados os seus panoramas.

A meu ver, há nessas práticas algo que torna a televisão propriamente televisiva, e é nelas que a tevê dá-se a ver como implicada na experiência, muito interessante, de um mundo que ainda não percebemos bem como funciona. Estou falando das moldurações (nos termos de Kilpp, 2002) com as quais a televisão enuncia, no interior de molduras (quadros de experiência e significação) muito próprias, certos sentidos identitários às durações, *personas*, objetos, fatos e acontecimentos que chamo de ethidades televisivas, que são subjetividades virtuais circunscritas aos mundos instaurados pela TV.

Para além da TV, ethidade é um devir ético e estético que permite compreender melhor o processo de unificação do território e das gentes brasileiras, por exemplo, um fenômeno recente e, a meu ver, rizomático. Penso que o *ethos* brasileiro só se instituiu, como imaginário social, há poucas décadas, e justamente num momento da história da humanidade em que todos os *ethos* nacionais já se encontravam confrontados com os fenômenos da chamada mundialização da(s) cultura(s), na qual a subjetivação maquínica e os agenciamentos coletivos disputam a instauração de subjetividades.

No Brasil, a televisão jogou um papel decisivo nessa unificação, produzindo e veiculando imagens "brasileiras sobre o Brasil" (especialmente em telenovelas e nas séries brasileiras), mas particularmente também, porque instaurou, pela primeira vez na história do país, uma cena brasileira em tempo real (especialmente nos telejornais), transcendendo de longe as várias cenas regionais que vigiam então, e criando simbolicamente o mercado nacional que facilitaria a vida das multinacionais, ao mesmo tempo que, é claro, diminuiria - simbolicamente falando, mas não só - as distâncias que até então separavam-nos, a nós, brasileiros, uns dos outros, em vários quase-países arranjados sobre o mesmo território geopolítico. Admitindo-se a hipótese dos mundos televisivos, posso pensar nessa brasilidade como brasilidade televisiva, inscrevendo-a no imaginário social de brasilidade, e advertindo sobre as relações promíscuas entre *videoscape* e *visualscape* (releitura que faço de Canevacci, 2001).

Entretanto, importa frisar que se a TV aberta funda um certo discurso sobre a brasilidade, isso está mais ligado, na maioria das vezes, à circunstância de a tevê fundar um discurso televisivo na esfera da comunicação globalizada, no qual as ethidades têm lugar privilegiado - inclusive as

ethicidades nacionais, mas de longe apenas elas. E é por isso que a ethicidade dos brasileiros enunciada pela TV é uma questão mais importante que a ethicidade brasileira enunciada pela TV. Mais ainda, importam as próprias ethicidades televisivas, todas e cada uma, e o que, através delas, a TV vem nos dizendo sobre a vida, as gentes e o mundo contemporâneo, inclusive o dos brasileiros.

Como elas são engendradas? Como se colocam aí certos agendamentos homológicos de molduração, reconhecíveis e comunicáveis graças ao compartilhamento de certos imaginários? Como, ao contrário, essas homologias são tensionadas e postas em cheque? Existem ou não proposições esteticamente ambíguas que pluralizam os sentidos éticos? Como se apresenta a brasilidade (unitária, localizada) e a ethicidade dos brasileiros (como devir, plural) nas moldurações televisivas e nos imaginários televisíveis? Como a tevê se torna, graças a tais procedimentos, o mais importante dispositivo da contemporaneidade?

Estou propondo, a partir de cartografias que venho fazendo, que a televisão seja percebida como um compósito de molduras e moldurações sobrepostas, que a configuram virtualmente como um híbrido, um eu plural. Essa virtualidade televisiva atualiza-se (nos termos de Bergson, 1999) em certas televisões, ou em certas práticas - mais ou menos prevalentes, mais ou menos agendadas, que podem ser diferentes no tempo e no espaço - que lhe conferem historicidade e peculiaridades territoriais. Essa moldura complexa, que a televisão virtualmente é, enuncia outras ethicidades, tornando-as ethicidades televisivas. Ela mesma, por tais procedimentos, é televisiva.

Como tal, inscrevo a televisão na indústria da cultura como produtora de mercadorias *sui generis*: molduras, moldurações, e ethicidades televisivas. Nesse caso, não importaria mais a origem (ou o lugar da produção) das mercadorias, pois a TV sempre enuncia para elas, pelos modos como as moldura, sentidos éticos (identitários) televisivos. E aí é fácil pensar também numa contínua evanescência dos sentidos éticos originais - a TV, particularmente a aberta, torna-se o lugar da dissolução, ou o lugar desde onde se vê a liquefação dos sentidos sólidos da modernidade (nos termos de Bauman, 2001).

Finalmente, a televisão seria uma ethicidade enunciada no interior duma ambiência ampliada, uma virtualidade que se atualizaria (evoluiria, portanto, nos termos de Bergson) justamente na medida em que fôssemos capazes de tensionar as práticas canônicas de molduração. Ou (nos termos de Benjamin, 1986), na medida em que a produção fosse tecnicamente modelar e se desse a ver em suas montagens, fazendo avançar o estado das técnicas.

Na TV aberta, no Brasil, encontramos alguns exemplos de práticas que têm tensionado as homologias. A meu ver, deveriam receber mais atenção dos pesquisadores. A partir das categorias de análise propostas aqui muito rapidamente, talvez o estado da pesquisa sobre tevê no Brasil pudesse romper com sua tradição apocalíptica e nos ajudar a entender um pouco mais a *maladeta*.

Referências:

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- CANEVACCI, Massimo. *Antropologia da comunicação visual*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- KILPP, Suzana. *Ethicidades televisivas*. Sentidos identitários na TV: moldurações homologicas e tensionamentos. São Leopoldo: PPGCC/UNISINOS: 2002. (Tese de Doutorado). (no prelo)
- SANTAELLA, Lucia. *(Arte) & (Cultura): equívocos do elitismo*. São Paulo: Cortez/UNIMEP, 1982.